



Boaventura de Sousa Santos

O espelho do mundo

Vai receber uma bolsa de 2,4 milhões de euros do European Research Council, a maior já concedida a um projeto português, e uma outra para ensinar em Londres; na sexta-feira, 14, recebe o Prémio Nacional de Ciência do México, acrescentando aos muitos com que tem sido distinguido em vários países; jubilou-se em novembro de catedrático da Universidade de Coimbra, mas continua a dirigir o CES, bem como a dar aulas e conferências, a publicar livros ou a dirigir projetos em diversas latitudes, de África aos Estados Unidos passando, em especial, pela América do Sul, sobretudo o Brasil, em que foi dos 'fundadores' do Fórum Social Mundial, colabora na Folha de São Paulo, edita os seus livros de poesia... É Boaventura de Sousa Santos, 70 anos, um dos mais famosos sociólogos e cientistas portugueses, com grande e para muitos polémica ou controversa intervenção (além de opinião) em múltiplos campos, que ao JL fala de tudo isso, em particular do projeto *Alice, Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas*. E que escreve ainda para nós uma espécie de dicionário pessoal, de A a Z, sobre o seu pensamento. Mais, sobre mote dado pelo JL (crise, desemprego, futuro) faz umas rimas como 'rapper' que agora também é **Texto de Maria Leonor Nunes e Luís Ricardo Duarte e fotos de José Carlos Carvalho**

É um "sociólogo público", como faz questão de se afirmar, sempre ao lado dos "mais fracos e discriminados", dos que não têm poder.

Nascido em Coimbra, em 1940, filho do cozinheiro do célebre café Nicola, Boaventura de Sousa Santos seria o primeiro filho de um operário a entrar na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde concluiu a sua licenciatura. Fez depois uma pós-graduação em Filosofia em Berlim e doutoramento em Sociologia na Universidade de Yale, nos Estados Unidos da América.

Professor da Universidade de Wisconsin-Madison, também nos EUA, e recentemente reformado da Universidade de Coimbra, vive entre os dois lados do Atlântico. Em rigor, vive entre continentes, desdobrando-se em viagens, aulas, conferências e seminários. Foi um dos criadores do Fórum Social Mundial, que de 6 a 11 de fevereiro terá a próxima edição, em Dacar. Dirige o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que tem tido uma crescente dinâmica internacional. É autor de *Um Discurso sobre as Ciências, Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade, A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência e Epistemologias do Sul*, entre muitos outros. Dos vários prémios que recebeu, destaque-se o Gulbenkian de Ciência, em

T

Tem projeção e reconhecimento que sobrem lá fora. Tem muitos livros publicados, ensaios citados, trabalhos de campo respeitados e intervenções no terreno, sobretudo na América Latina, onde tem muitos amigos e seguidores. Tem ideias, um pensamento social e político e, naturalmente, não lhe faltam também os inimigos e os críticos. Ainda recentemente as suas declarações sobre a crise e os mercados, numa entrevista, foram alvo de comentários violentos. Nada que demova Boaventura de Sousa Santos da sua luta e da sua determinada intervenção.

1996, e o Jabuti, o mais importante atribuído a livros no Brasil, em 2001. Em tudo o que faz, não cessa de se espantar. Como Alice, atravessa espelhos e realidades, em busca de um mundo diferente.

Jornal de Letras: O seu projeto Alice retoma o nome de um dos seus livros mais famosos, *Pela mão de Alice*. É uma investigação que vai aprofundar o seu trabalho sociológico das últimas décadas?

Boaventura de Sousa Santos: É um salto mais amplo e com mais meios, mas não é algo totalmente novo, antes um alargamento do que tenho andado a fazer. E sou realmente fascinado pela Alice no país das maravilhas, daí o nome.

Fascina-o do ponto de vista literário?

Fundamentalmente a capacidade de espanto, que nós perdemos um pouco na Europa. Temos de nos espantar perante a criatividade humana, por vezes nas piores condições. E não nos podemos conformar com a mediocridade instalada no nosso país e na Europa em geral.

A que espelho mágico se pode hoje ver a Europa?

Ao espelho a que sempre se recusou ver. A Europa ofereceu muita missanga, muitos vidros e espelhos, mas para os outros se verem. Porque eram indígenas, bárbaros e nunca se tinham visto ao espelho. Dessa maneira os ludibriou, trocando espelhos por ouro e produtos valiosos.

Que espelhos estranhos são aqueles de que fala na apresentação do projeto?

Para ver agora coisas diferentes, os espelhos têm que ser produzidos noutros lugares e poderão até dar a imagem de uma Europa provavelmente anorética, muito fraquinha.

Porquê?

Porque se foi esvaziando da sua sabedoria, que foi mandando para todo o mundo. Vê-se agora que não a tem nem para dentro de casa. Andou a impor o Fundo Monetário Internacional (FMI) a toda a gente, com a ideia de que ele nunca entraria na Europa, e agora temos todos os traúlites a dizer que venha o FMI, porque nós não nos sabemos governar. Outro dia, num programa televisivo, vi uma série de senhores a falar sobre a tragédia da crise e a impressão que dava é que não tinham cometido nenhum erro, os portugueses é que eram todos um bando de marginais. Mas se eles é que foram ministros, quem são afinal os marginais e incompetentes? Corta o coração ver tanta falta de espelho. Essa gente não consegue perceber que está a minorizar todo um país. E só se preocupam em zurzir no estado social e naqueles que segundo eles não querem trabalhar. Em relação aos mercados, que são verdadeiros abutres, não dizem nada. Como é possível? Os seus espelhos são os

ecrãs dos computadores: só veem os números.

O REGRESSO DOS ESPELHOS Em que medida o trabalho que vai desenvolver nos próximos cinco anos irá contribuir para repensar a Europa?

O meu projeto é de auto-reflexividade. A Europa tem que começar a olhar para si, a partir das experiências daquilo que fez no mundo e daquilo que o mundo fez por si, sem a Europa ou apesar da Europa.

Refletindo sobre uma imagem devolvida?

Exatamente. Tem de ver tudo o que resultou da sua própria ação, com muitos aspetos positivos e outros negativos. A Europa sempre se refletiu como superioridade não questionada, o que fez com que todos os outros não gostassem muito do que viam, porque a solução era adotar os modelos europeus. Finalmente, é o regresso dos espelhos, não das caravelas. A



É o regresso dos espelhos, não das caravelas. A Europa tem que se ver ao espelho com base em toda essa experiência histórica

Sou um aprendiz inveterado. Interessa-me a sabedoria das pessoas com quem trabalho

Europa tem que se ver ao espelho com base em toda essa experiência histórica e o que vê...

É que já não é a mais bela?

Não. E é muito pequena nesse espelho, que entretanto também se transformou. O espelho é agora multifacetado, mesmo um mosaico de culturas, com uma compreensão do mundo muito mais ampla do que aquela que havia no Ocidente. Possivelmente, não se irá reconhecer em muitas das imagens que vai recolher, nos genocídios, na marginalização dos saberes por sistema. Mas, evidentemente, não vamos deitar para o caixote do lixo da História o muito que a Europa, a modernidade ocidental e a ciência contribuíram para o mundo. Ao contrário do que dizem os meus críticos, prezo muito a ciência, sou um cientista, trabalho no domínio da ciência.

Essas críticas devem-se a uma certa inveja nacional ou à velha

querela entre as ciências sociais e exatas?

É evidente que nós hoje epistemologicamente reconhecemos que há muitos modos de fazer ciência. Os que me criticam estão muitas vezes ligados a concepções atrasadas, formas de positivismo por vezes provinciano, mais fruto de ignorância do que de outra coisa. Não são necessariamente os cientistas físicos ou da biologia. Tenho dois filhos biólogos, o João e o Miguel, e eles têm as mesmas preocupações epistemológicas que nós temos nas ciências sociais. A questão coloca-se entre uma concepção positivista e outra não positivista, que transforma a ciência num contributo importante para o aprofundamento democrático da cidadania. De outra maneira não tem muito sentido. Mas pelo meio também pode haver muita inveja, porque é um meio pequeno, muito *lisboacêntrico*, de tertúlias, de conhecimentos, do cito-te a ti e depois citas-me a mim, eu faço um comentário ao teu livro para que tu comentes o meu. Os meus livros raramente são comentados no nosso país, apesar de estarem publicados em diferentes línguas.

SOCIÓLOGO PÚBLICO

Também não pesará o facto de ter uma ação cívica muito marcada e de ser visto mais como um pensador político, e de esquerda, do que como sociólogo?

Mas não são mundos separados. Nas áreas sociais, não podemos produzir ciências neutras. Faço tudo para ser objetivo e por isso não posso estar metido numa escola, num partido, num dogma, qualquer que ele seja. Em todos os países onde são publicados, os meus livros são recebidos como livros de sociologia. Mas não quero ser neutro. Quero saber de que lado estou.

E de que lado está?

Estou do lado dos que não têm poder, dos fracos, dos oprimidos, dos esquecidos, dos discriminados. O que devemos é ter uma humildade nos nossos instrumentos de análise da sociedade e uma grande sofisticação no seu uso, para que possamos dar a margem de objetividade que garanta a possibilidade de sermos verídicos. A verdade não se atinge, mas a procura da verdade, essa sim é que nos distingue. Os economistas que andam por aí a dizer que são neutros, são-no em relação a quê? Todos defendem o lado em que estão, a diferença é que uns o declaram e outros não. Eu sou daqueles que pensam que o devemos afirmar. Nesse sentido, acho que o sociólogo deve ser um sociólogo público.

Em que sentido?

Na Europa, até mais do que nos Estados Unidos, temos a tradição de cientistas sociais públicos, com uma intervenção pública, não só nas áreas da sua especialidade, mas naquelas para onde o seu conhecimento geral os foi levando a estabelecer relações e análises

Renovar o Fórum Mundial

«A ecologia, a desigualdade, os indígenas e as questões feministas são alguns dos temas fortes do próximo Fórum Mundial Social (FSM), que se realiza em Dacar, no Senegal, entre 6 e 11 de fevereiro. Neste encontro de movimentos sociais de todo o mundo poderão também ser lançadas sementes para uma renovação do fórum, que apesar de continuar a cumprir a sua missão, como garante Boaventura de Sousa Santos, perdeu muito do impacto mediático das primeiras edições.

É um dos criadores do FSM, que parece ter perdido algum impacto. Tem cumprido a sua missão?

Quando falamos do impacto normalmente temos em mente o facto de o FSM ter desaparecido das notícias. Quando surgiu foi uma grande surpresa, ninguém estava à espera que no mesmo dia em que os senhores do mundo se reuniam em Davos, na Suíça, no Fórum Económico Mundial, uns indivíduos e maltrapilhos dos movimentos sociais fossem promover um Fórum Social em Porto Alegre. Atraímos milhares de jornalistas nas duas primeiras edições. Mas a certa altura deixou de ser novidade e de estar na linha da frente das notícias. Se calhar também porque as grandes empresas de comunicação social não se interessam por uma alternativa ao capitalismo, pois isso daria cabo dos seus interesses económicos.

Além disso há algum sinal de fragilidade?

Há. E penso que decorre de dois fatores.

Quais?

O FSM teve uma eficácia extraordinária na América Latina. Os sucessos políticos de Lula, Chávez, Evo Morales, Correa, Lugo e Mujica [presidente do Brasil, Venezuela, Bolívia, Equador, Paraguai e Uru-

guai respetivamente], tal como os movimentos progressistas e a luta contra a TLC [Tratado de Livre Comércio] e a ALCA [Área de Livre Comércio das Américas] não se entendem sem o FSM. São movimentos sociais que tomaram consciência da sua internacionalização com o Fórum. Ainda recentemente, em Cancún [na Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas] “La via campesina” foi uma das organizações mais ativas (são 148 organizações de 69 países) – e começou no FSM, o que mostra a força deste.

As dificuldades estão no facto de não termos entrado a nível nacional noutros continentes. Não houve governos progressistas em África e na Ásia. Por outro lado, não tem sido possível, como defendo, fazer com que o FSM tome posições conjuntas sobre certos temas em que há um grande consenso. O FSM sempre se afirmou mais como um espaço em que se discutem ideias sem se tomar nenhuma posição, o que daria mais visibilidade. Devíamos fazer estatísticas do mundo com outros indicadores, como o Produto Interno da Felicidade (*Gross National Happiness*) do Butão, ou seja, introduzir medidas inovadoras a partir do muito conhecimento que temos da diversidade do mundo e das aspirações reais dos cidadãos reais.

O que vai ser central no próximo FSM?

A questão ecológica continua a ser fundamental, mas será também a desigualdade no sistema mundial, sobretudo em África, e as questões indígenas e feministas. Haverá igualmente discussões sobre o próprio Fórum, que estamos a organizar de dois em dois anos. Há um projeto do novo governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, que eu apadrinho, de voltar a realizá-lo em Porto Alegre, dez anos depois. Voltaremos às raízes para o renovar. ■

que consideram úteis. O mal foi o positivismo ter acoplado a ideia de neutralidade (que confunde com a de objectividade) à ideia da especialização e da profissionalização.

E estas não são vantajosas?

Têm vantagens, mas também consequências muito negativas. Estamos numa cultura de *experts* que na verdade são ignorantes especializados. Gente que, em 15 dias, vai a África fazer uma avaliação de *expert* sobre a agricultura, mas apenas usa os parâmetros limitados da sua especialização, sem olhar para as pessoas, para a

história daquelas populações, para as suas culturas e religiões. E tudo isso influi nos seus quotidianos, nas sementeiras e colheitas.

INTELECTUAIS DE RETAGUARDA

Defende um comprometimento dos intelectuais um pouco à maneira dos *engagés* de outros tempos?

Estou a escrever um livro precisamente sobre o papel do intelectual na esfera pública, que é um debate que temos na Sociologia há muito tempo. Na dimensão da liberdade, da crítica e da denúncia, qual é hoje

a diferença? É que nós deixámos de acreditar em deuses. Portanto, não se vai do socialismo fanático para o capitalismo fanático, como eu tenho visto tanta por aí. A grande diferença, e foi o debate que sugeri ao Pierre Bourdieu no final da sua vida, é que não acredito em intelectuais de vanguarda. Somos antes de retaguarda.

E o que é um intelectual de retaguarda?

É aquele que acompanha os movimentos sociais, está comprometido com a realidade concreta, não faz a revolução de café, não está na abstração das grandes ideias, parte da vida e das necessidades das pessoas. Na sociedade que se organiza para uma luta, ele deve estar. Como retaguarda para mostrar os falhanços que já houve no passado e ajudar a que não se repitam. Se estou com indígenas que querem democracia participativa, eu sei como foi na Índia. Sou um "facilitador" dando a conhecer outras experiências, seus êxitos e fracassos. E, na retaguarda, é possível ver onde estão as perversões. No Equador e na Bolívia já estou a ver pulsões autoritárias, como vejo há mais tempo no caso do Chávez. Portanto, vou mantendo a minha distância crítica, porque esse é o meu princípio: não há solidariedade antes da crítica. Tendo passado muitos anos como profissional e dedicado toda a minha vida às Ciências Sociais e à Sociologia, eu penso que é sobretudo importante reconquistar uma dimensão de amador, no sentido epistemológico e etimológico do termo, daquele que ama o que faz.

E que se transforma na 'coisa amada'?

Sim, acho que estou muito transformado nas minhas coisas amadas. No trabalho que hoje faço com os movimentos indígenas na Bolívia e no Equador, sinto-me verdadeiramente um deles, embora não me confunda com eles.

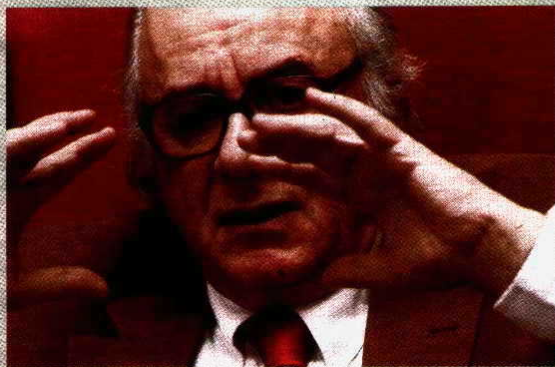
Que tipo de trabalho desenvolve com esses movimentos?

São trabalhos quotidianos a que eles chamam de capacitação, porque se apropriaram do termo do Banco Mundial. Eu não gosto de usar nenhuma das palavras do Banco Mundial.

Porquê?

Porque capacitação é dar capacidade a quem não a tem e à partida está boicotada a ideia do enriquecimento recíproco. É isso que eu quero: aprender. Sou um aprendiz inveterado. Interessa-me a sabedoria das pessoas com quem trabalho, desde a minha tese de doutoramento, sobre as favelas do Rio de Janeiro. Aí aprendi tudo, com gente analfabeta, destruída por uma vida extremamente violenta. No entanto, ao domingo, ao final da noite, no boteco, à volta da mesa de *snooker*, eu ouvia coisas absolutamente sábias sobre a democracia e sobre como se relacionam os humanos,

Um MC cientista



« Sempre teve mão para duas escritas, a científica e a poética. Mas está longe de ser um homem dividido. Antes, multiplicado por diferentes formas de expressão. O poeta Boaventura de Sousa Santos tem publicado regularmente, sobretudo no Brasil. Escrita *Inkz* (com prefácio de Gilberto Gil) e *Janela Presa no Andaime* são alguns dos seus livros de poemas, a que em breve irá acrescentar *Falta de Ar em Plena Estação*. Mas o sociólogo revelou-se recentemente também um *rapper*, tendo editado no Brasil um livro de letras a que chamou *Rap Global*. Alguns *rappers* brasileiros já as musicaram, e ele gostaria que os portugueses fizessem o mesmo.

O RAP é uma outra forma de dar voz às suas preocupações sociais e políticas?

Sim, é isso mesmo. O que nos leva à relação entre a escrita literária e a científica.

Como passa de uma para a outra?

Automaticamente. Estou a trabalhar cientificamente e ao lado vão surgindo coisas que aproveito para a escrita literária. O processo criativo é muito cáctico, não há horários nem ideias estanques. Claro que a escrita literária é mais dúctil, pode acontecer em qualquer lado. A científica obriga a um certo aparato, trabalho de campo, computador, alguns livros, etc.

E há relações possíveis entre essas duas escritas?

Um dos meus interesses é a tradução intercultural, no entanto, entre as várias escritas da mesma pessoa, por exemplo, não me parece que seja possível a tradução. A escrita científica tem o seu cânone, embora aceite transgressões. E cada sociólogo tem a sua maneira de escrever, com transgressões dentro de um certo limite e uma concepção de racionalidade que de alguma maneira

o coloca no exterior das coisas. No caso da escrita literária, ela também tem os seus cânones, mas distintos.

É mais livre?

A luz interna, a imaginação, a individualidade e a subjetividade são constitutivas da criação e podem transformar um singular num singular concreto, segundo Hegel, isto é, num verdadeiro universal. Um Josef K. pode ser a experiência de um indivíduo mas é também a experiência de uma modernidade europeia no início do séc. XX. A escrita literária tem um registo que dá outra liberdade.

E o que o levou a escrever o seu *Rap Global*?

É tudo aquilo que não posso dizer cientificamente sobre a modernidade ocidental, a partir de uma perspetiva pós-colonial. Mas posso dizê-lo literariamente. Há uma série de paralelos entre a *Gramática do Tempo*, sobretudo nos capítulos sobre o pós-colonialismo, e o *Queni N.S.L. Oeste* [o pseudónimo usado no livro]. São coisas e formas de dizer blasfemas em relação às tradições ocidentais, de Nietzsche a Celan, que eu distorço ludicamente. Conheço bem a tradição ocidental e viro-a por dentro, contra si. O Nietzsche aparece como o criador de gado bravo de Salvaterra para produzir um efeito de desfamiliarização e de refamiliarização já que o touro vira o *Untermensch* que por vezes vence o *Übermensch*. Como é que poderia pôr isso num artigo científico? Por isso, uso este artifício que os brasileiros levaram a sério. Na ficha técnica do livro nem aparece o meu nome.

Quem é o *rapper* que criou?

É o aporuguesamento do grande *rapper* americano Kanye West, um dos meus grandes ídolos, a par de Jay-Z. Espero que ele não se chateie. Transformei-o num

filho de um retornado a viver no Barreiro, a personagem d'A Casa do Rio, do Manuel Rui, grande escritor angolano e grande amigo meu, fomos colegas aqui em Coimbra.

O livro vai ser publicado em Portugal?

Já o mostrei à minha editora, a Afrontamento, e eles ficaram desconcertados. Mas disseram-me que vão publicá-lo. É muito transgressivo. O que tenho preparado agora para sair no Brasil, onde normalmente publico, é outro livro de poemas.

Porquê sempre no Brasil?

Sou mais bem recebido. Aqui é o silêncio.

Sofre da síndrome do Chico Buarque, que por ser bom músico não pode ser bom escritor?

Exatamente. E prejudica-me publicar livros de poesia. Muitos colegas acham que é um embaraço, um cientista social ser também poeta. Mas o que é transgressivo na modernidade ocidental tem de ser marginal. Como digo em *A Crítica da Razão Indolente*, uma das grandes revoluções da emancipação é pela estética. Penso que hoje temos de ir pelas representações menos poluídas da modernidade. E a arte e a estética foram as menos colonizadas, aquelas a que se deu mais liberdade. O rap acaba por ser a possibilidade de me dar uma dimensão estética e ao mesmo tempo política.

Que não aparece na sua poesia?

Nunca fui capaz de fazer poesia política ou de combate. Pelo contrário, na poesia não procuro nada disso. Sou muito influenciado por Herberto Helder, Ramos Rosa ou Alberto Pimenta, o grande poeta esquecido. Mas tudo o que sai do cânone poético português não é divulgado. E depois ninguém é capaz de imaginar que um cientista social seja um poeta razoável. Toleram-me, pelo silêncio.

Vai publicar algum livro de poesia?

Estou a terminar *Falta de Ar em Plena Estação*, um livro com dois autorretratos, um deles baseado numa obra do Pedro Cabrita Reis, e um longo poema chamado "Mãe". Tem um carácter mais autobiográfico. Mais tarde sairá um livro de poesia erótica que se vai chamar *Volume 8*, porque o projeto de investigação da emancipação social teve sete volumes.

O projeto Alice vai dar um bom livro de poemas?

Se o processo criativo continuar. O trabalho burocrático é que mata a poesia. Os livros científicos não faltarão, escritos pelos colaboradores que vou contratar e algum por mim próprio. **AL**

os poderosos e aqueles que não têm poder. Esse saber foi formador do meu trabalho.

Com que comunidades indígenas tem trabalhado recentemente?

Nos tais seminários de capacitação, que é fundamentalmente o que fazemos, o último dos quais na Bolívia, juntam-se líderes indígenas de várias partes do continente, ultimamente mesmo os mais afastados destes processos, como os Mapuche do Chile e da Argentina. Vêm também do Peru, da Costa Rica, do Equador e da Venezuela. Junta-mo-nos durante dois dias e vamos analisando os problemas das comunidades que hoje estão numa fase nova, de um maior reconhecimento político da identidade indígena, o que levanta uma série de questões.



O meu trabalho não é de modo nenhum demonizar a democracia representativa, mas enriquecê-la

Por exemplo?

Como é que esta identidade indígena se vai definir sem se fechar num gueto identitário? Como se criam alianças com as mulheres ou com os afro descendentes, que são também riquíssimos nas suas tradições? E como se pode agora transferir a capacidade indígena nos governos locais para uma organização nacional? E o que os indígenas têm a fazer num estado plurinacional? Esse é o trabalho que tenho procurado articular com os indígenas e com os governos, com que estou solidário, apesar de serem crescentes as tensões entre os movimentos indígenas e os governos.

ECOLOGIA DE SABERES

O Equador e a Bolívia são dois dos países em que irá desenvolver o projeto Alice, tal como a Índia ou a África do Sul. O que a Europa poderá aprender com esses países? Esses países tiveram outras formas de organizar a vida social, nos mais diferentes domínios, e podem dar o seu contributo. Basta ver o caso do Brasil e como dentro de cinco anos se prevê que seja a quinta economia do mundo. E estão a fazê-lo dentro do campo democrático. Não se pode dizer que são como os comunistas chineses, que exploram os trabalhadores com a repressão brutal dos direitos destes. São processos democráticos, por vezes difíceis, conturbados, limitados, mas quem está em condições de atirar a primeira pedra? Os europeus? A democracia aqui tem melhor qualidade? Então os europeus não se manifestaram, em todas as sondagens e referen-

dos, contra a invasão do Iraque e os governos europeus não foram como rebanhos atrás dos Estados Unidos? Não temos hoje muitas lições a dar, mas a receber. O meu projeto vai nesse sentido. Sem derrotismos, porque como sempre digo, eu sou um otimista trágico.

Otimista trágico?

Recuso-me a não ver saídas. Temos que perder a arrogância, porque os outros que pensam diferente de nós não são apenas fundamentalistas e ignorantes. É outra gente, com outras ideias, com as quais podemos vir a aprender alguma coisa. Nesse sentido, é importante a noção de ecologia de saberes, na medida em que se trata de criar um espaço de articulação e de diálogo entre vários saberes.

O objetivo do projeto é, portanto, dar à Europa um conjunto de ferramentas para pensar um novo paradigma?

É. A partir dos outros países do mundo, nomeadamente dos que estão no projeto. E em quatro áreas, onde penso que esse diálogo pode ser importante.

Uma delas é o constitucionalismo. Em que medida a experiência desses países pode servir a Europa?

Não temos tido capacidade, por exemplo, para fazer um constitucionalismo europeu a partir da participação dos cidadãos. E a Europa vai desaparecer como existe atualmente – ou então terá que se aprofundar.

Está a referir-se à União Europeia?

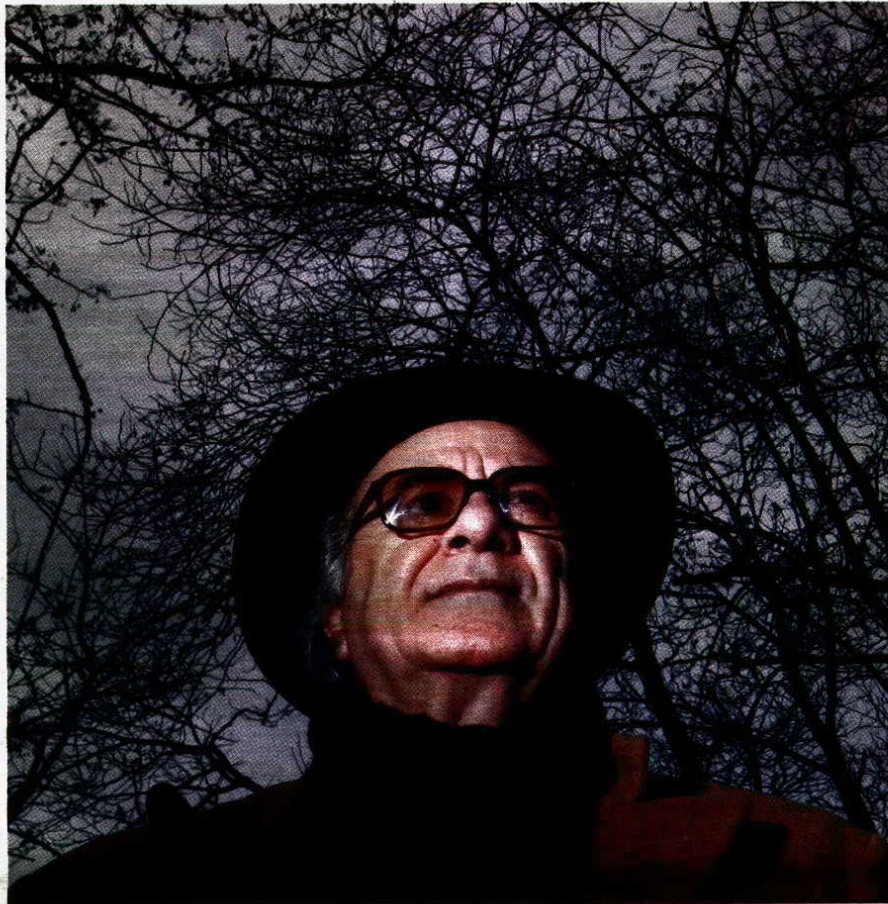
Sim. O Parlamento Europeu terá de ser muito mais forte. Com toda esta crise, praticamente não o temos ouvido. Precisamos de uma maior federalização da Europa. Porque é hoje claro que esta união monetária, sem políticas sociais e fiscais de convergência real, só beneficia os ricos. Ou seja, a Alemanha ou a França, com os seus bancos e interesses.

E como é que a experiência do Brasil ou da África do Sul pode servir uma ideia federalista europeia?

Desde logo pelo próprio processo que levou às suas constituições. Por que razão, na Europa, temos tanto medo de referendos? No Brasil, por exemplo, houve emendas populares, grupos de cidadãos que reuniram assinaturas e apresentaram propostas que integraram a constituição. Acho que a Europa tem toda a vantagem em conhecê-lo. O que aconteceu nesses países é que começaram a levar a democracia a sério. No caso da Índia, trata-se de uma democracia com fortes tradições, desde a sua independência. Noutros são democracias com pouco tempo, mas foi possível, por exemplo, um Evo Morales no poder na Bolívia.

Muitos falam de verdadeiras revoluções nesses países.

Mas não tem nada a ver com as



Boaventura de Sousa Santos **A nossa democracia é pobre, de baixa intensidade**

revoluções do passado. A revolução bolivariana chegou ao poder por eleições. Tal como a revolução cidadã no Equador ou a revolução comunitária de Morales. A democracia representativa, que foi sem dúvida um contributo da Europa, está aí realizada, muito para além do que nós, de uma maneira murcha e desconectada entre representantes e representados, estamos a fazer.

DEMOCRACIA DE BAIXA INTENSIDADE A democracia será, de resto, outra das áreas, tal como os direitos humanos, privilegiadas no projeto Alice. Porquê?

A nossa democracia é pobre, de baixa intensidade. Realmente, temos de fazer uma análise muito séria sobre o que se está a passar na Europa em termos de democracia, em que as diferenças ideológicas e políticas parece que desapareceram. Vemos este governo, mas já estamos a ver o programa do próximo. As diferenças são de grau, não deixando de ser importantes, mas não há nenhum pensamento distinto. Fomos ‘comendo’ a diversidade e o pluralismo, sem os quais não existe democracia. A própria União Europeia fez grandes avanços pela via económica, mas não pela

via política. Criou-se uma *décalage* maior, uma dupla alienação entre representados e representantes.

Dupla?

Em relação aos líderes nacionais e em relação aos líderes europeus.

Em contraponto a esse desfazimento, temos por exemplo o caso do palhaço Tiririca, recentemente eleito no Brasil.



Vou mantendo a minha distância, porque esse é o meu princípio: não há solidariedade antes da crítica

O caso do Tiririca lembra-me sempre outro, o da mutilação genital com que atacam logo que começamos a discutir direitos humanos numa perspectiva intercultural. Todas as culturas e todos os sistemas têm problemas. Não podemos reduzir sempre uma alternativa ao seu absurdo, à caricatura. Não

são os casos de demagogia que nos interessam. Do Brasil, posso dar outro exemplo que me interessa muito mais, o da ficha limpa, resultante de uma iniciativa legislativa popular. Ou seja, todos os candidatos têm de declarar os seus rendimentos, tal como nós o fazemos, só que está tudo registado e quem foi condenado por corrupção ou fraude fiscal não pode ser candidato. Aí está uma forma de democracia participativa incrustada na democracia representativa. O meu trabalho não é de modo nenhum demonizar a democracia representativa, mas enriquecê-la. Foram nesse sentido os meus projetos sobre o orçamento participativo em Porto Alegre e depois em toda a América Latina. E também o que fazemos no CES, onde temos um Observatório de Práticas Participativas da Europa e de todo o mundo. Estamos, aliás, com consultorias na China.

Também as questões económicas são trabalhadas em Alice?

Outra área muito importante é realmente a das economias solidárias, não capitalistas. Já temos hoje experiências na Europa que vão nesse sentido: trocas de tempo, economias populares, cooperativas. A mais famosa cooperativa do mundo continua a estar na Europa,

o complexo de Mondragón, no País Basco, altamente produtivo e estudado. O neoliberalismo entrou na Europa, como nos Estados Unidos, à esquerda e à direita. E todos foram formados pela mesma escola e ideias. Agora a crise está a ser resolvida por quem a criou. Como é possível? Claro que quem está a sofrer são os cidadãos, cada vez mais obrigados a apertar o cinto. As economias não capitalistas sempre existiram com muito mais força nas periferias do sistema. O Brasil tem até uma secretaria de Estado da Economia Solidária. Os serviços de cafetaria e de limpeza de algumas universidades do Rio e de S. Paulo são feitos por cooperativas das favelas à volta. São experiências muito interessantes que temos por todo o continente latino-americano, mas também em África ou na Ásia. Mas nem sequer têm uma vocação socialista, articulam-se com o capitalismo e permitem criar ‘almofadas’, formas de vida em que as pessoas não estão totalmente dependentes do capitalismo. As economias solidárias podem ser muito importantes num período de crise económica. E, além do mais, têm uma dimensão ecológica.

Quantas pessoas vão trabalhar consigo no projeto?

Doze investigadores de vários países. Neste momento, já tenho um pós-doutorado boliviano e um advogado indígena, equatoriano, que vão trabalhar comigo. Os outros vão ser contratados na Índia, na África do Sul, onde penso ir em abril, depois de uma série de conferências que vou fazer em Moçambique. São pessoas que vão agarrar o conjunto muito vasto das minhas ideias, fragmentadas por muitos livros. Em alguns casos são hipóteses de trabalho com limitações, das quais eu próprio sou muito autocrítico. Durante estes cinco anos, vão fazer os seus doutoramentos, pós-doutoramentos e escrever livros.

E não haverá articulação com os decisores políticos?

Sim. Já marquei uma ida ao Parlamento Europeu, pois os deputados querem que eu vá falar do projeto mesmo antes dos resultados. E há jornalistas que têm manifestado muita curiosidade em acompanhar este projeto, que aliás tem uma forte componente de fórum de jornalistas. A ideia é sairmos de um conhecimento científico, fechado, e transformá-lo em conhecimento público. Iremos articular-nos com organizações da Itália, do Reino Unido, da França e de Portugal, que estão a trabalhar nestas áreas. Haverá um grande congresso final em Bruxelas. Estou absolutamente disponível para trabalhar com os políticos, porque estou cada vez mais convencido de que temos de encontrar uma forma de crescimento económico sustentável e saudável, o que tem de passar, por exemplo, pelas energias renováveis, onde Portugal, temos de o dizer, é hoje um exemplo para o mundo. ■



Boaventura
Em Cusco,
Peru, em 2006

De Coimbra para o Mundo

Com mais de uma centena de investigadores de vários países e uma dezena de áreas de doutoramento, o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES) é uma verdadeira "escola fraterna", segundo adianta Boaventura de Sousa Santos (BSS), já com uma sede também em Lisboa e ramificações lusófonas em Belo Horizonte, Brasil, e Maputo, Moçambique. No CES funcionam ainda o Centro de Documentação 25 de Abril e o Observatório da Justiça, ambos dirigidos por BSS, que vai propor uma reorganização do mapa judicial e uma unidade de "formação alternativa" para os magistrados.

A atribuição desta bolsa é o corolário de todo o seu trabalho e da própria dinâmica internacional de investigação do CES? Penso que sim. É evidente que criámos um centro de excelência, que tem hoje 115 investigadores, dez programas de doutoramento e 250 estudantes. Há de facto uma trajetória de internacionalização do CES. No laboratório associado, dos 20 investigadores 12 são estrangeiros, o que dá um certo carácter cosmopolita. E daqui a um ano ou dois, vamos ter doutoramentos em inglês, para atrair mais estudantes europeus. Mas sempre com a ideia que a opção pela Europa não nos deve obrigar a cortar as nossas raízes com África e com a América Latina.

Em que sentido?

Já que lá "estivemos" tanto tempo, pensamos desde sempre que devíamos fazer dessa "fraqueza" uma força. Temos boas relações com esses países, por que não as transformamos numa riqueza? Lançamos, por exemplo, um doutoramento em pós-colonialismo e cidadania global, que atraiu muita gente de África e do Brasil.

Que ligação existe entre o CES de Coimbra e as suas ramificações lusófonas?

Quer o CES América Latina, quer o CES Aquino de Bragança, que acaba de ser criado em Maputo, são autónomos financeira e administrativamente, mas acolhem um pouco a filosofia do CES: a

transdisciplinaridade, a ciência voltada para a cidadania e para a luta por um mundo melhor. É esse o compromisso e com eles temos uma relação fraterna. Temos no CES de Coimbra o Observatório da Justiça, que é reconhecido como um dos melhores da Europa. Entretanto os brasileiros vão ter o seu Observatório da Justiça e os africanos também. O apoio técnico vai ser nosso, numa primeira fase. No fundo, estamos a criar uma cooperação internacional de um tipo novo.

O estado da Justiça em Portugal é objeto dos mais severos julgamentos. Que problemas tem diagnosticado o Observatório?

Temos apontado vários, mas as soluções são políticas. Estamos agora a começar o ano de trabalho com uma boa notícia: apesar de todas as restrições financeiras, vai avançar a transformação do mapa judiciário. Porque continuamos com as comarcas do século XIX. Fizemos um estudo pioneiro de reorganização do mapa, da localização dos tribunais e dos serviços. Por outro lado, temos um grande défice de formação, não só técnica mas política e de cultura democrática. É preciso menos cinismo e corporativismo, mais envolvimento com a cidadania e sensibilidade à precariedade social, na luta contra a corrupção, mas também contra a discriminação, o racismo e desigualdade social. Temos de ter uma unidade de formação alternativa, em que vai estar envolvido o magistrado José Mouraz Lopes.

E em relação ao Centro de Documentação 25 de Abril?

Finalmente, vamos mudar para umas instalações condignas, no Convento da Graça. Esse foi um projeto por que lutei muito: o regresso da universidade aos colégios medievais. E este ano vamos realizar um grande colóquio sobre João Martins Pereira, um intelectual muito conhecido, ministro da altura do PREC e que depois morreu obscuramente. A família doou-nos o seu espólio. Além disso, temos as habituais atividades em torno do 25 de Abril, sobretudo para as escolas, para ver se não se transforma num feriado do reumático. **JA**

Boaventura, de A a Z

A DE ALICE Metáfora do espanto e da curiosidade perante realidades, lógicas e racionalidades muito distintas daquelas a que estamos habituados. Do espanto e da curiosidade emerge a disponibilidade para relativizarmos a validade das soluções que se nos apresentam como inevitáveis, para descobrirmos a irracionalidade que se esconde atrás de tanta suposta racionalidade e para, munidos da vasta e infinitamente diversa experiência do mundo, lutarmos por soluções melhores e racionalidades mais racionais.

B DE BRASIL O país onde, no início da década de 2000, nasceu o Foro Social Mundial, e foi posto em causa o domínio incondicional do poder político das oligarquias, ao levar ao poder, por via democrática, um operário metalúrgico que se revelou um Presidente sábio, conciliador, que, sem pôr em causa o capitalismo (antes pelo contrário), soube impor-lhe um rosto mais humano. O traço mais visível desse rosto foi o bolsa-família, um vasto programa de redistribuição de riqueza, ainda que não de transformação dos mecanismos que produzem a riqueza de maneira desigual. É também o país que, quase duzentos anos depois da independência, reconheceu ser uma sociedade racista em que a democracia racial, longe de ser uma realidade, é uma aspiração pela qual há que lutar. E a luta começou com um vasto plano de ações afirmativas destinadas a corrigir discriminações estruturais contra negros e indígenas, desde a educação à certificação das terras ancestrais indígenas e quilombolas.

C DE CRISE Situação de desequilíbrio instável que suscita a oportunidade de viragem ao mesmo tempo que torna difícil a possibilidade de a concretizar. A crise é um estado muito mais geral do que aquele a que socialmente é atribuída tal característica. A "normalidade" da vida dos grupos sociais dominantes assenta na "crise" permanente e reprimida dos grupos sociais dominados. Quem tem poder para definir a crise tende a ser, num primeiro momento, quem tem poder para a resolver de modo a proteger os seus interesses. A luta pela definição da crise está no cerne da luta social. A luta por um mundo mais justo e mais livre tem êxito na medida em que altera os termos que definem a natureza, as causas e as consequências da crise.

D DE DEMOCRACIA Todo o processo de substituição de relações desiguais de poder por relações de autoridade partilhada. Longe de se confinar ao que vulgarmente designamos por espaço público e se definir como regime político, a democracia é a gramática social da luta pela igualdade e pelo respeito da diferença (sexual, política, étnica, religiosa geracional, regional) por via de meios que não contradizem os fins. A democracia na família, na fábrica, no escritório, na escola, nas organizações sociais, na comunicação social, na rua, na esfera pública é o modo contemporâneo de lutar contra o igualmente contemporâneo fascismo social.

E DE EPISTEMOLOGIA DO SUL Proposta de novos processos de produção e de valorização de conhecimentos válidos, científicos e não científicos, e de novas relações entre diferentes tipos de conhecimento a partir das práticas, das experiências e das vivências dos grupos sociais que têm sido sistematicamente oprimidos pelo capitalismo, pelo colonialismo, pelo patriarcado, pelo dogmatismo. O Sul, longe de ser um conceito geográfico, é a metáfora do sofrimento injusto causado pelas diferentes formas de opressão e da luta contra elas. Os dois procedimentos centrais da epistemologia do Sul são a ecologia dos saberes e a tradução intercultural.

F DE FMI Acrônimo de Fome e Miséria Internacional conhecido pelo nome de Fundo Monetário Internacional, uma organização que nasceu com nobres intenções de estabilizar as finanças internacionais mas acabou transformado num clube de credores que zela pelos seus lucros a todo o custo, impondo aos países que caem sob a sua alçada três regras de ferro: liberalização dos mercados, privatização da economia e dos serviços públicos, destruição do Estado de bem-estar dos cidadãos e sua transformação em Estado de bem-estar do capital internacional. A destruição social e a injustiça que de tal decorre não entra no imaginário dos seus sacerdotes, para quem a pobreza é pecado dos pobres. Felizmente, hoje sabe-se que os países que saíram das crises em melhores condições foram os que se insurgiram contra as receitas do FMI. Só as segue quem é pusilânime, ignorante ou cúmplice. Tudo é mais fácil para o FMI quando as três características se juntam nos mesmos governantes.

G DE GLOBALIZAÇÃO O processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival. A globalização do inglês transforma o alemão em língua local, tal como a *fast food* transforma o bolo de bacalhau ou a feijoada em comida étnica. Distingo quatro formas ou processos de globalização. O localismo globalizado e o globalismo localizado operam em conjunto e constituem a globalização hegemônica, que opera de cima para baixo, a partir de quem tem poder para globalizar para quem o não tem. A resistência que suscita constitui a globalização contra-hegemônica, de baixo para cima, a partir dos que sofrem os custos (mas não ou só marginalmente os benefícios) da primeira globalização. Integra dois processos: o cosmopolitismo subalterno e o património comum da humanidade. O processo do Fórum Social Mundial tem sido uma das expressões mais conseguidas de globalização contra-hegemônica.

H DE HUMANIDADE A mais exaltante aspiração das mulheres e dos homens de todo o mundo infelizmente até hoje não concretizada. O que tem dominado são concepções truncadas e paradoxais de humanidade em que a humanidade de uns assenta na negação autoritária da humanidade de outros, sob o pretexto de que são irremediavelmente inferiores e, portanto, sub-humanos, sejam eles mulheres, indígenas, negros, judeus, comunistas, islâmicos, terroristas, crianças, etc. O cardápio da negação tem variado historicamente mas a negação, não.

I DE INVESTIGAÇÃO Curiosidade organizada sistematicamente para ir além das evidências do quotidiano, das fachadas que escondem o seu contrário, dos lugares comuns de que se alimenta a má-fé ou a preguiça, das opiniões dominantes que ratificam a injustiça do poder e dos privilégios dos poderosos, das versões oficiais do mundo que tornam invisível ou indigno de crédito tudo o que as contraria, da mesquinhez, ignorância e corrupção dos oprimidos que vêem a sua libertação na possibilidade de oprimir outros ainda mais oprimidos.

J DE JANELA Oportunidade para ver e respirar o que a maior parte das pessoas não tem tempo ou possibilidade de identificar e fruir. Contrariamente ao que pode parecer, a janela confunde-se facilmente

com buraco e com muro pintado. Alienação consiste em estar num buraco ou frente a um muro julgando que se está à janela.

DE KAFKA

Um dos raros escritores que deu azo à criação de um adjectivo de uso corrente: *kafkiano*. Acontece, porém, que adjectivo significa o oposto do que pretendeu Kafka com a sua obra magnífica. As situações de poder e de submissão que designamos como *kafkianas* por serem extremas, absurdas, ininteligíveis, em suma, anormais, eram para Kafka a expressão da normalidade da modernidade ocidental e do seu poder burocrático organizado. É *kafkiano* que designemos por *kafkiano* o que é o seu contrário. Fazemo-lo porque é intolerável reconhecer que a felicidade e a sanidade mental sejam possíveis no meio da normalidade anti-*kafkiana* de Kafka.

DE LUTA

O princípio e o fim da existência.

DE MERCADOS

Tão antigos quanto a queda de Adão mal atribuída a Eva. Aplicado à economia faz todo o sentido, aplicado à sociedade, à política e à ética é repugnante. No plural é um eufemismo para disfarçar o momento em que a pluralidade é destruída pelo monopólio de poucos e a ganância sem limites dos que dele beneficiam. Ultimamente é usado como sinónimo de poder despótico contra o qual é impensável a resistência, como normalidade *kafkiana* (ver atrás), como pai inclemente, como fascismo gerador de democracia, como fim de discurso ou discurso do fim, como argumento que dispensa argumentos, como ordem suprema do caos, como o euromilhões para muito poucos e eurotostões para quase todos, como o analgésico de última geração para as dores da democracia, como escada que, para a esmagadora maioria dos cidadãos, só desce, como prova de que deus existe e finalmente desceu à terra.

DE NATUREZA

A Terra-Mãe, um ser vivo que é a fonte de toda a vida humana e não humana e que o capitalismo transformou num recurso inerte sem outro valor que não o da utilidade imediata para os designs dos humanos, concebidos de forma a satisfazerem a necessidade infinita de acumulação capitalista. Como ela nos tem vindo insistentemente a dizer e pelas mais diversas formas (mas que mesmo assim nem todos ouvem ou entendem), a Terra-Mãe aceita generosamente que a usemos mas não tolera que abusemos dela.

DE OBAMA

Substantivo próprio em risco de se transformar em substantivo comum. Designa, por um lado, a persistência do colonialismo no próprio acto de permitir o

seu mais dramático desmentido: a eleição de Obama abriu o caminho para uma nova e muito virulenta onda de racismo, agora centrada no presidente e no que ele significa. Designa, por outro lado, a condição dos descendentes de escravos (Michele Obama) que, ao entrarem na casa dos senhores, pensam que entraram na sua própria casa.

revolução, neste segundo sentido, pode passar rapidamente de antídoto da contra-revolução a duplo da contra-revolução e, com isso, voltar ao seu significado inicial. O primeiro acto dos revolucionários bem sucedidos foi quase sempre o de tomar medidas para impedir novas revoluções. Por esta razão, o conceito de revolução significa



DE PORTUGAL

Um país que aprendeu a viver à margem dos lugares comuns que se criaram a seu respeito. Um país que não se deixa facilmente descrever nem pelos profissionais das misérias caseiras nem pelos profissionais das grandes alheias. Quase a desistir de encontrar profissionais que tenham com ele uma relação cordial, anda em busca de amadores (no sentido etimológico da palavra), gente que o ame ao criticá-lo e o critique com o único objectivo de o ajudar a ser nem mais nem menos digno que todos os outros povos do mundo.

DE QUESTIONAR

Tudo o movimento interactivo, individual ou colectivo, com capacidade para transformar a acção conformista em acção rebelde.

DE REVOLUÇÃO

Conceito ambíguo que começou por significar movimento circular para, a partir de meados do século XVII, passar a significar mudança brusca e profunda do sistema social e político. Até ao final do século XX foi-se acumulando a experiência de que a

RIMAS (BEATS)

Crise
Desemprego
Futuro

BSS

Estás em crise, sem emprego e [sem futuro]
Estás no duro contra o muro sem [futuro]
Porra, acorda, dá um murro.
Alguém roubou o emprego [alguém roubou o futuro]
Dá um murro e outro murro.
[Contra o muro sem futuro]
Contra a carga que te mata sem [que ninguém descarregue]
Se a crise dói onde deve
O futuro fica mais leve

hoje a exigência de manter viva a revolta ou a rebelião e de impedir que qualquer ideia abstracta assuma a prerrogativa de pôr fim à história da libertação individual ou colectiva. As subjectividades rebeldes do século XXI vêem na revolução o sentido profundo do inconformismo contra a injustiça e a discriminação, e a luta sem fim pela democratização das relações económicas, sociais, políticas e culturais.

DE SABERES

Sempre usado no plural, são os sentidos atribuídos às práticas sociais, os modos pelos quais elas se tornam significantes nas relações sociais. Com a modernidade ocidental, esta pluralidade, que antes estava subordinada à supremacia da religião, passou a estar subordinada à supremacia de uma forma específica de saber, a ciência moderna, um saber dotado de muito rigor pragmático (e, portanto, muito dócil nas mãos de quem o possa mobilizar para o que lhe é útil) mas muito ignorante sobre o sentido da vida, da felicidade e da justiça, eufórico na proclamação dos seus benefícios e agnóstico perante os seus malefícios. Penosamente, esta forma de saber tem vindo a aceitar que o seu grande mérito não é afectado por reconhecer a existência de outros saberes e que será tanto melhor quanto melhor conhecer os seus limites. Pressionada pela maior visibilidade da diversidade da experiência do mundo e da sua riqueza cognitiva, a ciência moderna vai aprendendo a ser parte importante mas não exclusiva da ecologia dos saberes.

DE TRANSPARÊNCIA

Substantivo cujos antónimos são tão diversos quanto opacidade, corrupção, despotismo, nepotismo, fascismo, censura, auto-censura, tráfico de influências, mercados, negócios, especulação financeira, diplomacia, chantagem, duplicidade, discurso sobre o estado da nação, relatório de inquérito oficial, questionário às atitudes ou opiniões dos cidadãos, revelações e inconfiabilidades da primeira página, a retórica da transparência, etc., etc..

DE UNIÃO EUROPEIA

Hoje mais conhecida por Desunião Europeia, é uma das ideias politicamente mais progressistas dos últimos cinquenta anos. Consistiu em criar as condições para que o mito da Europa como cadinho da democracia, dos direitos humanos e da solidariedade de social—cruelmente desmentido pelas duras realidades da primeira metade do século XX: duas guerras, o nazismo, o genocídio dos judeus, o genocídio dos ciganos, o fascismo—tivesse finalmente a possibilidade de se converter em realidade. As condições eram exigentes e contra elas militavam interesses poderosos. A ideia continua viva mas, por agora, na forma de letra morta.

DE VIAGEM

O modo de manter permanentemente viva a tensão entre as raízes e as opções. Sem viagem, as raízes são prisões e as opções são voluntarismos inconsequentes.

DE WIKILEAKS

O fim da diplomacia tal como a conhecemos. A ilustração mais recente da contra-

dição acima referida na entrada sobre a globalização: a globalização dos poderes económicos, políticos e militares hegemónicos gera contradições no seio das quais grupos sociais desafectos logram o acesso aos instrumentos hegemónicos (que permitem usar a mentira sistemática para justificar a opressão) e os usam para objectivos contra-hegemónicos (a denúncia das mentiras e a criação de espaços para a luta contra a opressão).

DE X-MEN

Uma equipa de lutadores pelo bem da humanidade que nasceu vinte e três anos depois de mim. Não conheci nenhum deles e nunca gostei que se vangloriassem do "X-gene" que eu não possuo nem gostaria de possuir. Mas os inimigos contra os quais lutaram—o Magneto, o Apocalipse, o Mister Sinister, o Hellfire Club e o Weapon X—são também meus inimigos. A minha diferença é lutar contra eles com armas bem mais modestas que nunca me dão o gozo da vitória definitiva.

DE YO

My young brothers and sisters who share a strong sense of cultural identity and communal belongingness, fight against police brutality, love their mothers and report their dreams and fears in *Yo Youth Outlook* and can insult each friendly by saying *Yo cago en la leche de tu madre*.

DE ZARATUSTRA

A crucial oportunidade dada por Nietzsche à modernidade ocidental para imaginar o anti-Zaratustra e aos modernos, a possibilidade de orientar a conduta social por este último. Nas condições do nosso tempo, ser super-humano é não tolerar que os que são diferentes de nós e, sobretudo, os que nos confrontam sejam considerados sub-humanos. Do mesmo modo, o fim da moralidade é a denúncia mais lúcida da hipocrisia da moralidade sem fim que caracteriza a moralidade moderna. Trata-se da moralidade que se auto-proclama eterna e universal para ocultar a imoralidade das acções que, aqui e agora, são praticadas em seu nome. Por sua vez, o eterno retorno é a negação radical de uma concepção falsa, mas prevalecente, de progresso centrado na vida material e não na vida espiritual, dominado por uma racionalidade técnico-instrumental divorciada da racionalidade estética e da racionalidade moral-prática. Entendido assim, o progresso é a metáfora de um duplo incapacidade: a incapacidade de aprender e melhorar e a incapacidade de dar conta dessa incapacidade. Daí, a eventualidade do desastre a que se contrapõe, de modo tão heroico quanto vão, a vontade de poder. A oportunidade dada por Nietzsche perdeu-se tanto para os que se proclamaram herdeiros dele como para os que o demonizaram. **JL**

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

O 'espelho' do mundo

O 'sociólogo público' de A a Z

Entrevista • Um dicionário pessoal e um 'rap' escritos pelo cientista e professor

PÁGINAS 26 A 31

